

Uma disciplina, muitas descobertas:

A formação docente e sua contribuição prática para a Antropologia na educação básica

Andréa Lúcia da Silva de Paiva¹

Introdução

Este trabalho tem como objetivo o debate sobre a formação de professores de modo a garantir e contribuir para a presença da Antropologia na educação básica. Nosso *locus* de observação são as aulas da disciplina optativa Antropologia e Sociologia da Educação, ministrada no segundo semestre de 2025 pelo curso de licenciatura em Ciências Sociais, no município de Campos dos Goytacazes (RJ).

Ao longo de quatro meses, buscamos descrever práticas de ensino e aprendizagem que valorizam o debate sobre decolonialidades, saberes locais, diversidade cultural e alteridade. A presença de estudantes de outros cursos, como os de História e Psicologia, ampliou o debate interdisciplinar com a Antropologia, trazendo diversas contribuições à prática pedagógica. O trabalho consiste em apresentar e experimentar um olhar antropológico inserido na educação básica a partir da formação docente, por meio da construção de práticas pedagógicas e da elaboração de propostas sobre temas, teorias e conceitos.

Por meio da observação, descreveremos os espaços ocupados pela Antropologia no ensino superior e seu ritual de passagem analisando as transições significativas dos alunos ao longo do processo de construção do conhecimento por meio de comportamentos, leituras, avaliações e debates vivenciados em sala de aula. Detalharemos as trocas de narrativas entre os licenciandos, seus estranhamentos sobre a temática, os desafios enfrentados para pensá-la como trabalho final que atendesse à proposta e as mudanças provocadas na construção identitária e educacional desses indivíduos para atuação na educação básica.

A partir da experiência vivenciada, é possível descrever, analisar e repensar a construção curricular na formação de licenciados, especialmente nos cursos de Ciências

¹ GT 062 - Ensino e Aprendizagem da antropologia na educação básica: práticas decoloniais e saberes plurais.

Sociais. Sendo assim, por meio deste trabalho, buscamos contribuir para novos caminhos para a valorização da Antropologia na educação básica frente à percepção de currículo e conteúdo da formação docente no ensino superior.

A Antropologia na educação básica

Pensar a Antropologia na Educação Básica é refletir sobre a sua identidade. Não se trata apenas de analisar sobre o que é, mas como ela se apresenta do ponto de vista teórico e metodológico.

Do ponto de vista teórico-metodológico, buscamos trazer contribuições quanto ao pensar a respeito da Antropologia na Educação Básica. Inicialmente, podemos dizer que a Antropologia na Educação Básica surge como um desdobramento do pensar sobre Antropologia e Educação. Como uma espécie de uma nova área de pensamento, mas que não se dissocia da prática educativa *in loco*. Por outro lado, a antropologia da educação é um campo específico de investigação dentro da antropologia, dedicado à análise dos processos educativos enquanto fenômenos sociais e culturais. O seu objetivo é compreender como as práticas educativas se estruturam e se manifestam em diferentes contextos, sejam eles escolares ou não, enfatizando as relações entre a cultura, a sociedade e a educação. Desta forma, enquanto a primeira tem um caráter aplicado, a segunda traz uma dimensão analítica e teórica para que a primeira possa existir.

Contudo, a discussão não deve ser vista apenas do ponto de vista conceitual e pedagógico, mas histórico. Como nos recorda Oliveira (2023):

Esta percepção de que a reflexão sobre o ensino é algo central e necessário para a Antropologia está posta também desde a fundação da Associação Brasileira de Antropologia (ABA), que ocorreu na 2ª Reunião Brasileira de Antropologia (RBA), EM Salvador, em 1955. Já naquele momento, uma das seções da reunião se dedicava ao ensino da Antropologia, entretanto, apenas nos anos 2000 foi formada uma comissão de Ensino de Antropologia nesta associação, posteriormente convertida em comissão de Educação, Ciência e Tecnologia. Em período mais recente, tem ocorrido regularmente a organização de mesas redondas e de Grupos de Trabalhos na RBA voltados para esta temática (OLIVEIRA, 2021). É importante mencionar, ainda, que a ABA tem promovido eventos específicos sobre o ensino de Antropologia, alguns dos quais geraram publicações sobre o tema (GROSSI, RIAL, TASSINARI, 2026; TAVARES, GUESDES, CARUSO, 2010). No contexto da pandemia do COVID-19, a comissão de Educação, Ciência e Tecnologia da ABA promoveu ainda o evento virtual *Aprendendo e ensinando Antropologia durante a pandemia: dilema, desafios e oportunidades* (2021), que versou, justamente, sobre o ensino de

Antropologia no atual momento que vivemos, marcos pelos processos de ensino e aprendizado mediados virtualmente (Oliveira, 2023, p. 19)

A experiência original de um Grupo de Discussão sobre a Antropologia na Educação Básica, realizado dentro do IV Congresso Nacional da Associação Brasileira de Ensino de Ciências Sociais, em 2020, por meio da experiência remota em decorrência da Pandemia de Covid-19, trouxe experiência original a partir dos trabalhos das educadoras e dos educadores provenientes de universidades, institutos federais e demais escolas públicas. A experiência resultou em troca de saberes e na confecção de uma rede de compartilhamento focando na desnaturalização da Antropologia resultando na continuidade de mesas e grupos de trabalho acerca da Antropologia na educação básica resultante em livros sobre Antropologia na Educação Básica (Alencar, Targino, Araujo, 2023):

Após um período que se confunde com a própria intermitência do conteúdo de Sociologia nos fluxogramas do ensino secundário, a reflexão sobre as temáticas de Antropologia tem, nos últimos anos, se oxigenado no que tange a sua revalorização. Assim, muito do que tem, atualmente, se falado sobre o ensino de Sociologia no Ensino Médio centra-se demasiadamente no ato de estranhar, pondo nas sombras uma dimensão bastante importante (talvez uma das grandes contribuições da Antropologia enquanto disciplina científica): o ato de familiarizar-se. Para isso, a contribuição dos conteúdos antropológicos nesta modalidade de educação pode ser feita por meio de leituras diversificadas, trazendo uma substancial contribuição teórica para a formação do aluno, como também através da realização de aulas de campo, apresentando-lhes a metodologia própria da Antropologia (ainda que esbarrem em limites para sua aplicabilidade na realidade escolar) (Alencar, Targino, Araujo, 2023, p. 34)

A distinção maior entre a Antropologia na Educação Básica e a Antropologia da Educação reside na prática pedagógica na escola. Não que a Antropologia da educação não vise a respeito. Há semelhanças, mas também diferenças quanto ao objetivo de situar a importância da Antropologia na educação. A Antropologia na educação básica se coloca como prática auxiliar no ensino de sociologia e no desejo legislativo de ter a disciplina na educação básica.

Por sua vez, a Antropologia da educação é um campo específico da Antropologia. Ela se volta para compreender como (Rocha; Tosta, 2017). Nesse sentido, podemos dizer que:

Deste modo, é possível afirmar que se desenvolveu, na passagem do século XIX para o século XX e com a Antropologia estadunidense, uma noção de que os estudos antropológicos relacionados à Educação poderiam contribuir enormemente para um alargamento na perspectiva educacional. Nesse cenário, o envolvimento de antropólogos nos

problemas educacionais acontece marcadamente nos EUA e, nas primeiras décadas do século XX, a pedagogia lá aplicada consta de uma organização escolar etnocêntrica, eminentemente coercitiva e pouco democrática (Araújo, 2025, p. 53)

Para Boas (2022, p. 31), “O ensino de Antropologia pode ser feito para complementar de muitas maneiras o ensino de disciplinas afins (...)”. Observa-se que para o autor a contribuição da Antropologia no campo da educação foi justamente a noção de relativismo cultural e a crítica radical ao etnocentrismo. Segundo os autores, Rocha e Tosta (2017), Boas defendia que “nenhuma cultura pode ser compreendida de fora, sem a observação íntima das práticas, significados e modos de vida que lhe dão sentido” (Rocha & Tosta, 2017, p. 65). Os autores afirmam:

O pensamento de Franz Boas desloca o olhar para o entendimento de que a educação não é apenas transmissão de conteúdos, mas uma prática de interpretação cultural, na qual o professor precisa considerar a história, os símbolos e as experiências que constituem o sujeito que aprende. A compreensão da diferença é condição para qualquer prática pedagógica significativa” (Rocha & Tosta, 2017, p. 72).

Um dos pontos centrais da Antropologia da educação reside no fazer etnográfico. Como ressalta Peirano (2014):

A etnografia é a ideia-mãe da Antropologia, ou seja, não há antropologia sem pesquisa empírica. A empiria – eventos, acontecimentos, palavras, textos, cheiros, sabores, tudo que nos afeta os sentidos – é o material que analisamos e que para nós, não são apenas dados coletados, mas questionamentos, fonte de renovação (Peirano, 2014, p. 380).

Sendo assim, a “boa etnografia de inspiração antropológica não é apenas uma metodologia e/ou uma prática de pesquisa, mas a própria teoria vivida” (Peirano, 2014, p. 380). Devemos pensar a etnografia e sua relação com a educação como um modo específico de produção de conhecimento. O exercício de refletirmos sobre a pesquisa e sobre os modos de pesquisar deve ser um exercício contínuo de forma autorreflexiva e, sobretudo, coletivamente onde o fazer etnográfico deve ser pensando como um processo de aprendizado e, eventualmente, enquanto um recurso didático em sala de aula (Oliveira, 2023).

Contudo, como dito, são campos em construção que permeiam a noção de tipos ideais. As fontes exploram como o saber antropológico pode ser aplicado no ensino

básico, servindo como ferramenta para a desnaturalização de preconceitos e o combate ao racismo e à intolerância. Através de métodos como a etnografia, os autores propõem atividades pedagógicas que valorizam a diversidade cultural e as relações étnico-raciais em sala de aula. O conjunto documental reforça o papel transformador das Ciências Sociais na formação de uma consciência crítica sobre identidade e alteridade. Além disso, as fontes fornecem modelos práticos para a transmissão cultural e o rigor técnico necessário para a publicação de trabalhos acadêmicos de alta qualidade.

As fontes exploram como o saber antropológico pode ser aplicado no ensino básico, servindo como ferramenta para a desnaturalização de preconceitos e o combate ao racismo e à intolerância. Através de métodos como a etnografia, os autores propõem atividades pedagógicas que valorizam a diversidade cultural e as relações étnico-raciais em sala de aula. O conjunto documental reforça o papel transformador das Ciências Sociais na formação de uma consciência crítica sobre identidade e alteridade. Além disso, as fontes fornecem modelos práticos para a transmissão cultural e o rigor técnico necessário para a publicação de trabalhos acadêmicos de alta qualidade.

Há também um contexto histórico. Há uma tradição que remota o século XIX onde se localiza o pioneirismo do diálogo entre Antropologia e Educação uma vez que, naquele contexto, a Antropologia tentava “compreender uma cultura da infância e da adolescência.” (Rocha; Tosta, 2009, p. 121). Existiam o chamado Laboratório de Antropologia Pedagógica:

Desde o final do século XIX e início do século XX, iniciativas existentes com os chamados Laboratórios de Antropologia Pedagógica, ou com designações semelhantes, proliferaram, sendo instalados em algumas das mais emblemáticas instituições educacionais republicanas. Lecionada nas Escolas Normais, a disciplina Antropologia Pedagógica foi tornada cátedra, tendo sido voltada para a formação de professores. Em muitos casos, ela desempenhou um papel fundamental no desenvolvimento de pesquisas envolvendo a realidade social e cultural do aluno e a dimensão escolar, o que foi influenciado fortemente pelo Movimento da Escola Nova. As Escolas Normais eram, pois, seu espaço por excelência (Araujo, 2025, p. 59).

Nesse caminhar de identificação da Antropologia na área da educação para pensarmos sua prática no cotidiano contemporâneo, é importante destacar uma observação de Gusmão ao reforçar que a educação só se torna dialógica quando reconhece

que “a escola é atravessada por diferenças e por múltiplas formas de viver e compreender o mundo” (Gusmão, 1997, p. 10).

Mas, o que essas antropologias trazem de comum quando pensamos o contexto brasileiro? Elas se completam e se misturam. A conexão entre a Antropologia e a educação traz reflexões acerca do diálogo e interfaces, onde é possível identificarmos sua inclinação para o cotidiano escolar, buscando uma espécie de cultura acerca da infância/adolescência, a ligação entre escola e a sociedade frente às diversidades culturais.

O fato também que ambas dispõem de uma mesma morada no momento do ensino brasileiro: ambas se direcionam no ensino de Sociologia. Elas contribuem para ampliação da educação devido a visão dos conteúdos e estimulam os discentes ao aprofundamento da relação entre Antropologia e Educação.

Uma disciplina ...um “abre alas” cultural para o ensino na educação básica e como suporte psicológico

Como descrito, o presente texto surge de um caso concreto: reflexão acerca da optativa Antropologia e Sociologia da educação, ofertada em 2025, segundo semestre, no curso de Ciências Sociais da UFF Campos. A disciplina traz como ementa a conceituação de culturas de diferentes paradigmas histórico-culturais. relação entre educação, escola e sociedade; teorias de currículo e sociedade; e a diversidades socioculturais: questões políticas, étnicas, de gênero e geração. Inclui também a caracterização e compreensão da complexidade cultural brasileira, regional e local e suas implicações na educação.

Nesse sentido, com base na experiência nas Mesas Redondas (MR) e Grupos de Trabalhos (GT) na área de Antropologia na Educação Básica², optei por ofertar a disciplina apresentando como objetivo geral temas da Antropologia da Educação como abre alas do ensino de sociologia na educação básica. Sendo assim, a disciplina centrou nos seguintes pontos: 1- Abordagens antropológicas clássicas sobre os processos de ensino e aprendizagem, a busca de interfaces com a Antropologia das emoções; 2- Estudos antropológicos e sociológicos sobre as relações estabelecidas por meio da escola, com ênfase nas questões de raça e gênero; 3-Familiarizar-se com as contribuições teórico e metodológicas trazidas pela antropologia e sociologia sobre memória, patrimônio, emoções e educação; 4-Estabelecer junto com cada estudante, a partir de suas trajetórias

² Antropologia na Educação Básica

e perspectivas de projetos, possibilidades de pesquisa e abordagens fortalecidas pelos estudos e debates promovidas pelas antropologias que se dedicam a pensar questões vinculadas à educação. Para dar conta a respeito das temáticas, trabalhamos em como, por meio dos livros didáticos do ensino de sociologia, sobretudo das áreas de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, era possível identificar a presença da Antropologia nas abordagens, sobretudo cultural.

A metodologia aplicada privilegiou o entendimento das complexidades que envolvem os processos educativos, a ação-reflexão-ação e a aplicação de conhecimentos práticos e didáticos na análise de situações de aprendizagem-ensino. Sendo assim, a disciplina contou com: apresentação e exposição de textos, rodas de conversa e exercícios práticos. Os conteúdos foram expressos por aulas expositivas, escritas, experimentos artísticos, projetos, intenções de pesquisa, vivências, projeções de vídeo, processos de escuta ativa.

Por meio da observação, descreveremos os espaços ocupados pela Antropologia no ensino superior e seu ritual de passagem analisando as transições significativas dos alunos ao longo do processo de construção do conhecimento por meio de comportamentos, leituras, avaliações e debates vivenciados em sala de aula. Os trabalhos consistiram na apresentação e experimentação de um olhar antropológico inserido na educação básica a partir da formação docente, por meio da construção de práticas pedagógicas e da elaboração de materiais didáticos como um segundo momento. Contudo, não houve tempo para essa última etapa, mas algumas propostas foram apontados em alguns trabalhos ou oralmente ao longo das aulas. A avaliação seguiu de forma contínua, com avaliação individual e coletiva, apresentação e exposição dos textos e apresentação de atividade prática.

A respeito das referências bibliográficas, foi apresentado à turma referências de antropólogos que trabalharam com a temática educação como: Franz Boas (2022); Tim Ingold (2018), Benedict; Mead; Sapir (2015), por exemplo, somando ao debate da coletânea Antropologia na Educação Básica. Do ponto de vista mais voltado para o ensino de Sociologia, foram apresentados textos de Brunetta, Bodart e Cigales (2020).

A disciplina não foi fechada apenas aos estudantes do curso de Ciências Sociais. A oferta, em vaga reduzida a 5, foi feita aos graduandos dos cursos ofertados no campus a mais dois cursos de licenciatura: História e Geografia. Como havia a solicitação de cursas optativas por parte de outros cursos, ampliamos para o Serviço Social, Economia e Psicologia versando atender não apenas o aluno, mas pensando em que sentido o debate

poderia versar no cenário da interdisciplinaridade e transdisciplinaridade. No total tivemos 41 alunos inscritos: 20 do curso de Ciências Sociais, 11 do curso de Psicologia e 10 do curso de História. Desse total, apenas 2 alunos do curso de Ciências Sociais ficaram reprovados por falta.

Contudo, os cursos externo às Ciências Sociais que tivemos maior presença ultrapassando o número de vagas, centrou na História e na Psicologia. Alguns alunos do curso de Economia se retiraram logo no início da disciplina e os cursos de Serviço Social e Geografia não houve inscritos. Retornaremos a esse ponto mais à frente no texto.

Um dos pontos da aula consistiu em explicar acerca da etnografia e como buscar trabalhar na escola. Foi conversado que fazer etnografia na escola já parte do princípio de “estar lá”, ou seja, da tomada da escola como um campo onde deve ocorrer o convívio direto para compreensão da realidade cultural. Em apresentação sobre Malinowski e Boas (2022), visando mostrar suas atuações no campo, o maior exercício foi relativizar suas teorias e métodos uma vez que alguns alunos do curso de história, psicologia e economia se demonstraram contrário à ideia de relativização uma vez que partiam da concepção de cultura era singular, homogênea. Enquanto a maioria apontava o despertar para descrição na escola partindo de atividades do seu cotidiano, proposta do módulo. Muitos apontavam esse ponto como desejável a ser executado pensando em atividades como em aula sobre cultura e identidade partindo da descrição dos alunos da educação básica em registrar o local onde moram: bairro, casas, sistema de transporte, saneamento, tipos de moradias, como exemplos, e como essas descrições impactariam na construção de suas identidades.

Em um segundo ponto da aula, podemos destacar o conceito de alteridade que se faz presente na arte de etnografar. Desconhecida por grande maioria dos estudantes, a alteridade foi apresentada como oposição e combate ao etnocentrismo em exercícios onde o aluno possa se colocar em lugar do outro descobrindo e compreendendo visões de mundo diferente da sua.

Para tais ações foi preciso apresentar e praicar o estranhamento e desnaturalização. Iniciamos com o exercício já apontado por Gilberto Velho (1978) de transforma o exótico em familiar. A proposta era fazer com o que os alunos observem para aquilo que lhe é mais próximo (família, escola e bairro, por exemplos) visando mostrar as práticas cotidianas sob um olhar de estranhamento na observação de rituais (Cruz, 2017).

Outro ponto exercitado em sala de aula foi a importância de se ter ferramentas práticas do etnógrafo como o diário de campo e a observação participante. O diário de

campo pode ser utilizado como instrumento de registro dos estudantes para observações cotidianas que pode ser orientado não somente por dias, mas por determinadas categorias: o acontecimento em si, que explicação dada em sala de aula que te faz lembrar a situação (teórica) e a parte das emoções (o espaço para que os alunos expressem suas impressões, raivas, humor, alegria, emoções, sentidos) (Coelho, 2024, 2010; Le Breton, 2019, 2016). Em A expressão obrigatória dos sentimentos Mauss (2021) já expressava sua análise acerca das expressões de sentimentos ao dizer que:

[...] não são somente os choros, mas todos os tipos de expressões orais dos sentimentos que são essencialmente, não fenômenos exclusivamente psicológicos, ou fisiológicos, mas fenômenos sociais, marcados eminentemente pelo signo da não-espontaneidade, e da obrigação mais perfeita (Mauss, 2001, p. 325).

Por sua vez, a observação participante que o pesquisador no caso do aluno e do professor, devem participar da vida do grupo estudado observando os comportamentos culturais. No campo educacional, tem-se reconhecido cada vez mais o papel central da pesquisa na formação docente, bem como a necessidade de realizar diálogos com diferentes campos disciplinares (Oliveira, 2023).

Mas, um ponto importante foi treinar o olhar, através da Sociologia e da Antropologia com base no uso da fotografia, músicas, filmes e documentários) visando o despertar da imaginação sociológica que já é um conceito utilizado por Mills (1972) e muito empregada em escritas sobre o ensino de sociologia. Contudo, há uma necessidade da gente pensar a imaginação por um olhar antropológico também. Talvez seja o caso de pensarmos um exercício de autoetnografia dos estudantes não no sentido de substituir, mas de aplicação em exercício em aula visando ampliar formas de se obter um olhar crítico sobre o mundo.

O curso trouxe a divisão nas temáticas: Parte I: Sambinha bom entre a antropologia e a sociologia: o conceito de cultura na educação básica; Parte 2: Antropologia das emoções: pensando educação por afetividade; e Parte 3: E aí!? Faça a diferença! Dentre as várias ideias propostas tivemos desde filmes, músicas, fotografias, exposições, séries, para citarmos alguns dos exemplos, que atravessaram as discussões e trabalhos finais. Foram pensados temas como emoções, religiosidade, relações étnico-raciais, decolonialidade e, no campo teórico-metodológicos, reflexões com base na

referência bibliográfica do curso. observações no campo e proposta de um recorte (seja por séries, filmes ou em campo) na prática.

A presença e trabalhos dos alunos de Psicologia contribuíram em dois pontos centrais: 1- Começaram a despertar e a pensar sobre o conceito de cultura para o atendimento em *locus*. 2- Como troca, os alunos reagiram de forma a contribuir para o curso ao somarem discussões e reflexões psicológicas para pensarmos a Antropologia das emoções em sala de aula ao mesmo tempo que descobriam sobre esse campo do conhecimento.

A prática em exercício

O filme *A Tribo dos Krippendorf*, de 1998, dirigido por Todd Holland, foi uma entrada inicial para o debate sobre a Antropologia: sua importância enquanto ciência, seus objetivos e, sobretudo, como pensá-la na esfera educacional. O filme traz a história de um professor de antropologia viúvo, que havia recebido uma verba para encontrar a última tribo da Nova Guiné. James fracassa em seu projeto e, com a morte da esposa, que o deixou muito abatido e, diante do desafio de ainda criar três filhos sozinho, acaba gastando todo o dinheiro. Contudo, ao invés de admitir que fracassou, ele relata que encontrou uma tribo perdida a qual batiza de "Shelmikedmu". Assim ele se vê obrigado a fantasiar sua família como se fossem membros desta tribo desconhecida e filmá-los como prova de sua "descoberta".

Por meio do filme *A Tribo dos Krippendorf* (1998) foi possível identificar aquilo que reformulamos de nós mesmo em conjunto reflexivo com a alteridade despertando para a noção daquilo que Boas (2022) chamaria de identidade cultural (que não é inata ou hierárquica, mas resultante de um processo histórico e dinâmico, construído por meio da linguagem, dos costumes e dos valores partilhados em um determinado grupo), Gusmão (1997) batizaria de reconhecimento do sujeito social ao tratar a interface entre a antropologia e a educação frente como as diferenças são tratadas na sociedade. Assim, o "sujeito social" surge a partir do momento em que o indivíduo toma consciência de si e do seu lugar no mundo, reconhecendo sua própria condição cultural, afirmando, sua posição na história frente às desigualdades) e bell hooks (2021) por uma cura pela consciência crítica (a compreensão da educação como prática da liberdade capaz de curar marcas deixadas pela marginalização e exclusão social).

Através das aulas expositivas dialogadas, textos e avaliações, foi possível fazer com que os alunos percebam a identidade e a importância da Antropologia na educação. De forma provocativa, a disciplina centrava em fazer com que os discentes trouxessem reflexões com base em suas realidades sociais e no percurso feito academicamente. Como dito, um dos objetivos e desafios foi trabalhar Antropologia na educação básica frente às diferentes experiências dos discentes em retrato interdisciplinar. Como expresso por uma aluna de história: “Não havia compreendido que a Antropologia poderia auxiliar a História no ensino”. Contudo, inicialmente, houve muitos desafios e resistência em compreender essa descoberta. Alguns alunos, tanto de História quanto de Ciências Sociais relataram terem dito péssimas experiências com a disciplina devido à dificuldade de compreensão dos textos, pela escrita “muito detalhada” e com “muita coisa para decorar”.

Um dos conceitos que emergiu, com base na bibliográfica ofertada entre os alunos da Psicologia foi a substituição da palavra troca por compartilhamento, proposta por Antônio Bispo dos Santos (2023). Este conceito se tornou fundamental para compreender a profundidade do gesto relacional, como por exemplo, no uso da expressão tão comum no senso comum: a ideia de “troca de olhares”. O uso do termo mostra-se insuficiente para descrever o que ocorre diante de uma presença tão carregada de história e afeto a ser vivenciada no atendimento psicológico bem como em sala de aula. Sendo assim, não falaríamos sobre troca de olhares, mas sim de compartilhamento de olhares. A relação que se estabelece nesses lugares não é aritmética nem equivalente; é relacional e generativa. É um olhar que produz vínculo, memória e afetividade até mesmo quando construída no silêncio. Como afirma Bispo dos Santos:

Quando ouço a palavra confluência ou a palavra compartilhamento pelo mundo, fico muito festivo. Quando ouço troca, entretanto, sempre digo: “Cuidado, não é troca, é compartilhamento”. Porque a troca significa um relógio por um relógio, um objeto por outro objeto, enquanto no compartilhamento temos uma ação por outra ação, um gesto por outro gesto, um afeto por outro afeto. E afetos não se trocam, se compartilham. Quando me relaciono com afeto com alguém, recebo uma recíproca desse afeto. O afeto vai e vem. O compartilhamento é uma coisa que rende (Santos, 2023, p. 21).

Em um outro momento, os alunos puderam se descobrir a possibilidade de trabalharem rituais, memória, tempo, casamento, gênero e sexualidade a partir da obra de Malidoma Patrice Somé (2007). Em estudo na aldeia Dagara, a autora mostra como o tempo é capaz de seguir em outro ritmo e os vínculos das relações não são construídos na

correria do nosso cotidiano uma vez que para a comunidade estudada: “na vida tribal, a pessoa é forçada a diminuir de ritmo, a vivenciar o momento e comungar com a terra e a natureza. Paciência é essencial. Ninguém na aldeia parece entender o sentido da pressa” (Somé, 2007, p. 21). Tal descrição evidencia como o mundo ocidental contemporâneo - marcado pela aceleração, pela produtividade e pela constante dispersão - reduz nossa capacidade de presença, dissolvendo a possibilidade de encontros que se demorem. Nesse contexto, o olhar se torna rápido, funcional, quase sempre desviado; perde sua densidade relacional. Salomé descreve como fundamentos das relações o quanto o tempo se alarga na comunidade para que o outro possa existir. Esse ponto, foi fundamental para trazer a importância da antropologia para pensar, junto aos alunos da educação básica, a importância de controle do tempo das tecnologias e a possibilidade de experimentarem a relação entre “tempo e gente”, como descreveu uma das alunas.

Em um conjunto interdisciplinar, a Antropologia junto ao conceito de Educação e com o apoio da História e da Psicologia, ao longo do curso, se tornaram fundamentais para compreender como as pessoas constroem identidades, significados e formas ser, viver e experimentar o mundo, assim como contribuíram para o pensar científico.

O processo entre o ensinar e aprender atravessados por diversos significados e relações de poder, mas também por práticas culturais. É nesse sentido que situamos o espaço da escola como um lugar de transmissão de conhecimento indissociável de sua cultura onde diferentes ações, corpos, emoções, histórias de vidas, símbolos, experiências de vida se reúnem em um constante processo de socialização e conflito.

Nesse sentido, alguns alunos na disciplina descreveram os desafios presentes na escola como a evasão, o uso do celular de forma massiva durante as aulas na escola e a ausência de empatia. A escola, para muitos deles em algumas situações de conflito, aparecia como um jogo onde as relações sociais são de sobrevivência entre o eu x eles onde xingamentos e preconceitos se fazem presentes. A Antropologia e educação pode aproximar docentes e discentes para uma relação mais próxima ao considerar o universo cultural na formação da pessoa (Boas, 2022).

Dos diversos trabalhos que atravessaram o final da disciplina para pensarmos na prática, a Antropologia na educação básica, dispomos de trabalhos sobre: análise de filmes como *Divertidamente* (2015), *Besouro* (2009), *Entre os Muros da Escola* (2009), *Os escritores da Liberdade* (2007); exposição em centros culturais; reflexões sobre a trajetória educacional como um ritual de passagem e dramas de escolhas; séries como *Euphoria* (2019) que traz o relato de jovens norte-americanos frente ao ambiente escolar,

a marginalização e exclusão, e *Todo mundo odeia o Chris* (2005e 2009); a etnografia de festividades como a Estrela Dalva, no meio rural, localizada em Campos dos Goytacazes (também conhecida como a Arraia da Tia Neguinha) e a festa no candomblé Olumbajé (vida e cura) enquanto prática pedagógica de encontros do corpo e da alteridade cultural; o uso das músicas (Funk, samba, rap) enquanto meios para pensar aulas e se fazer mais presente à juventude escolar pelo olhar antropológico. Todas essas atividades contribuíram para a construção de uma autorreflexão dos estudantes sobre seu processo escolar por meio das temáticas da disciplina e discussões acerca da importância da Antropologia das emoções na prática pedagógica.

Essas escolhas pelos estudantes do ensino superior trazem formas de pensar, percepções e possibilidades de como trabalhar e dinamizar a Antropologia na educação básica. Assim, em cada trabalho, fica evidente como, através de escolhas de diversos meios, temáticas, temas e conteúdos, é possível trazer ferramenta educativa provocando nos estudantes do ensino básico incentivo: que cada aluno escreva sua própria narrativa, rompendo com o modelo escolar tradicional que apenas reproduz conhecimento. Essa ação dialoga diretamente com o que Gusmão (1997) descreve ao analisar a educação de jovens marcados pela violência estrutural: “É preciso que o educador reconheça que ali existe um sujeito atravessado por experiências sociais que não lhe são opcionais, mas constitutivas” (Gusmão, 1997, p. 23).

Um dos pontos marcantes da disciplina foi a respeito da identificação dos estudantes. Partimos da noção de que os alunos da disciplina, maioria jovem, assim como os discentes da educação básica não devem ser visto apenas estudantes: ambos são corpos racializados criminalizados, jovens que vivem aquilo que bell hooks (2021) descreve uma espécie de geografias da dor que são espaços sociais onde a vida é permanentemente reduzida ao risco.

É preciso levarmos para a sala de aula livros, séries, pesquisas etnográficas, por exemplos, que abordam questões culturais, raciais, religiosas e históricas com as vivências dos alunos. Essas ferramentas educacionais devem atuar como canal de diálogo onde é possível acessarmos, mais diretamente, as suas vivências, dores, sonhos, medos e alegrias. Qualquer forma de registro como a fotografia deve ser compreendida como uma linguagem capaz de descrever emoções, relações sociais (Bodart, 2023).

Nesse sentido, a Antropologia Cultural de Boas (2022) aparece como referência teórica-metodológica: ela parte da cultura do aluno, e não da cultura escolar hegemônica. A preocupação com a formação docente é fazer com o que o professor perceba que, sem

ferramentas adequadas, não existe transformação. Salvo exemplo, é plausível seguirmos o exemplo da própria Gusmão (1997) quando identificou em suas pesquisas que: “em contextos de vulnerabilidade extrema, a escola só existe como espaço de formação quando o educador ultrapassa os limites burocráticos da instituição” (Gusmão, 1997, p. 29). Apresentar o Diário de Anne Frank, como faz a professora protagonista do filme *Escritores de Liberdade*, por exemplo, fazem com que os estudantes de uma periferia norte americana se reconhecerem na perseguição vivida pela jovem, ocorreu uma abertura emocional que ocorre do isolamento e do silêncio à escuta do outro.

As discussões apresentadas ao longo da disciplina não se encontram dissociadas do afeto. Nesse sentido, uma das contribuições da disciplina foi compreender a importância da Antropologia das emoções para os estudos da cultura visto que ela demonstra que os sentimentos não são apenas experiências individuais, biológicas, naturalizadas, mas também social e culturalmente construídas. Desta forma foi trabalhado que cada sociedade ensina maneiras específicas de sentir, expressar e interpretar emoções (amor, tristeza, medo, alegria, medo, raiva, ansiedade e saudade, por exemplos).

Essas ações são importantes para que, no campo educacional, a gente se distancie de uma Antropologia homogênea. Uma das discussões que mais despertaram atenção ao longo da disciplina foi o momento em que uma aluna da história comentou sobre o Museu do Holocausto. Como trabalhar algo triste, revoltante e que deve ser memorizado para não repetição da marginalização a qualquer tipo de povo e sua cultura. Como pensar em transmitir sobre o ocorrido histórico pensando os impactos de jovens brasileiros que atravessam situações de conflitos e exclusão social? Nesse sentido, precisamos demonstrar que o processo educativo não é linear, mas profundamente emocional visto que, ao ensinar para a liberdade, não podemos ignorar o fato de que nossos estudantes carregam feridas que não se expõem facilmente (bell hooks, 2021). A dimensão da dor deve ser pensada na prática da Antropologia na educação básica quando partimos da concepção de que:

A violência que atravessa os corpos jovens das periferias não é uma fatalidade. É uma herança histórica, uma construção social que se renova na ausência de políticas públicas e no racismo institucional. Quando o aluno entende a historicidade de sua dor, ele se liberta da ideia de culpa individual e pode reconstruir sua narrativa (Gusmão, 1997, p. 41).

Todas as atividades propostas e apresentadas em aula vieram ao encontro daquilo que denominamos na Antropologia de deslocamento cultural que é quando indivíduos de

culturas distintas permitem o contato ocorre um processo de reorganização simbólica (Boas, 2022). Contudo, esse processo “não é uma mera assimilação mecânica, mas um encontro que modifica ambos os lados”. (Rocha e Tosta, 2011, p. 102). O deslocamento cultural não significa apenas mudança de lugar, mas também lidar com as mudanças de referências simbólicas, identidades, modos de vida e relações sociais, por exemplos. Nesse conjunto de ações as emoções ajudam a compreender como os indivíduos e grupos vivenciam essas mudanças.

Falar da Antropologia e educação e executar a Antropologia na Educação Básica é possibilitar a abertura do diálogo entre a cultura e as emoções. É criar, na escola e em outros espaços de aprendizado, um local de acolhimento. Essas ações possibilitam enxergar o aprendizado apenas como mera transmissão de conteúdo para se tornar uma experiência de “cura e de reconstrução subjetiva” (bell hooks, 1994, p. 73).

Considerações Finais

O objetivo desse trabalho é refletir sobre a prática da Antropologia na educação básica.

Procuramos mostrar por meio dessa disciplina que a escola ou qualquer outro espaço de aprendizado, deveria ser compreendido como um espaço radical de esperança que rompe com a lógica meritocrática e abraça uma lógica relacional (bell hooks, 2021).

A disciplina ministrada buscou mostrar que educar não é apenas ensinar: é compreender e escutar. É partir do princípio de que todos os autores envolvidos no processo educacional trazem uma trajetória que não pode ser ignorada assim como todo o processo cultural e emocional que a envolve e se costura dentro de contextos históricos.

O exercício do fazer etnográfico possibilitou a descoberta de um pensamento crítico e reflexivo sobre a sociedade onde a cultura “não é um ornamento, mas o molde a partir do qual o sujeito pensa e age” (Rocha & Tosta, 2011, p. 89).

Na atualidade, a Antropologia da Educação vem ampliando o seu conceito assim como o espaço visto que a educação não se encontra restrita ao campo da escola. Ela “mistura-se os fenômenos da tradição, transmissão da cultura e manifestações rituais à cultura popular (a qual foi atrelada ao currículo somente no século XX) etc” (Araujo, 2025, p. 68). De toda forma, é o trabalho de campo sua base de construção e reflexões. Tomamos a Antropologia na Educação Básica como resultante dela.

O ambiente de observação e aplicação da Antropologia na Educação Básica requer um espaço que exige uma postura ética, afetiva e sensível onde as práticas pedagógicas realmente emancipadoras só são possíveis quando o educador se dispõe a compreender os mundos que atravessam seus estudantes, acolhendo suas narrativas, dores, códigos e identidades.

Desta forma, a disciplina ministrada se posicionou como um espaço de profundamente antropológico, cultural e psicológico ao reconhecer a diversidade, os costumes, as tradições, resistir ao etnocentrismo, valorizando as trajetórias e permitindo que os reconstruam suas próprias histórias em termos culturais e emocionais.

A educação, quando compreendida como prática cultural, psicológica e como prática da liberdade, torna-se não apenas um espaço de aprendizagem, mas também de elaboração emocional, resistência identitária, cura, ritual, transformação e criação de possibilidades de se fazer ciência. A partir da experiência vivenciada, é possível descrever, analisar e repensar a construção curricular na formação de licenciados, especialmente nos cursos de Ciências Sociais. Sendo assim, por meio deste trabalho, buscamos contribuir para novos caminhos para a valorização da Antropologia na educação básica frente à percepção de currículo e conteúdo da formação docente no ensino superior.

Referências bibliográficas

ALENCAR, Breno; Targino, Gekbede; Araujo, Marcelo. Antropologia na educação básica. Belém: Editora IFPA, 2025.

ALENCAR, Breno; Targino, Gekbede; Araujo, Marcelo (orgs.). Apresentação. In: Antropologia na educação básica. Belém: Editora IFPA, 2023. p. 29-50.

ARAUJO, Marcelo. Antropologia e Educação: contribuições para o pensamento pedagógico brasileiro. In: ALENCAR, Breno; Targino, Gekbede; Araujo, Marcelo (orgs.). Antropologia na educação básica – volume 3. Belém: Editora IFPA, 2025. p. 51-70.

BOAS, Franz. Antropologia da Educação. São Paulo: Contexto, 2022.

BRUNETTA, Antonio Alberto; BODART, Cristiano das Neves et CIGALES, Marcelo Pinheiro (Orgs.). Dicionário do Ensino de Sociologia. Maceió, AL: Ed. Café com Sociologia, 2020.

BENEDICT, Ruth. A criança aprende. In O Crisântemo e a Espada. São Paulo: Perspectiva, 1972.

BENEDICT, Ruth.; MEAD, M.; SAPIR, E. Cultura e personalidade. Rio de Janeiro: Zahar, 2015.

BODART, Cristiano das Neves. Usos da fotografia no ensino de Sociologia. 1. ed. Maceió-AL: Editora Café com Sociologia, 2023.

CARVALHO, Ana Paula; MAÇAIRA, Julia et AZEVEDO, Gustavo Cravo de Azevedo. Quiz antropológico: jogos didáticos e formação de professores. In: Revista Perspectiva Sociológica, n.º 28, 2º sem. 2021, p.114-128 CAVALCANTI, Maria Laura; GONÇALVES, Renata de Sá (Org.). A falta que a festa faz: celebrações populares e antropologia na pandemia. Rio de Janeiro: Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2021.

COELHO, Maria Claudia. Amigos e interlocutores: Emoções, trabalho intelectual e produção de conhecimento científico. Rio de Janeiro: Papeis Selvagens, 2024.

COELHO, Maria Claudia. Antropologia das Emoções. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

CRUZ, Felipe Scotto Mario. Indígenas Antropólogos e o espetáculo da alteridade. Revista de Estudos e Pesquisas sobre as Américas, vol. 11, n. 2, p. 93-108, 2017 Disponível em Vista do Indígenas Antropólogos e o Espetáculo da Alteridade (unb.br). Acesso em 11/03/2020.

GUSMÃO, Neusa. Antropologia e educação: origens de um diálogo In Cadernos Cedes, ano XVIII, nº 43, p.8- 25, 1997.

hooks, bell. Ensinando Comunidade: uma pedagogia da esperança. São Paulo: Editora Elefante, 2021.p. 86-99.

INGOLD, Tim. Antropologia e/como Educação. Petrópolis: Vozes, 2018.

LE BRETON, David. Antropologia das Emoções. Petrópolis: Vozes, 2019

LE BRETON, David. Antropologia dos Sentidos. Petrópolis: Vozes, 2016.

MAUSS, Marcel. Ensaios de sociologia. São Paulo: Perspectiva, 2001.

MILLS, Charles Wright. A imaginação sociológica. Rio de Janeiro: Zahar, 1972.

OLIVEIRA, Amurabi. Etnografia para educadores. São Paulo: Ed. UNESP, 2023.

OLIVEIRA, Amurabi. Prefácio. In: ALENCAR, Breno; Targino, Gekbede; Araujo, Marcelo (orgs.). Antropologia na educação básica. Belém: Editora IFPA, 2023. p. 17-28.

PEIRANO, Marisa. Etnografia e empiria. In: Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 20, n. 42, p. 377-391, jul./dez. 2014

ROCHA, Gilmar e TOSTA, Sandra Pereira. O campo, o museu e a escola: Antropologia e pedagogia em Franz Boas. Revista Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 23,

n. 49, p. 61-88, set./dez. 2017, p. 61-88.
<https://www.scielo.br/j/ha/a/CQjtsdJk3vqngPMCB8xLwrM/?format=pdf&lang=pt>

ROCHA, Gilmar; TOSTA, Sandra Pereira. Antropologia e Educação. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

SANTOS, Antônio Bispo dos. *A terra dá, a terra quer*. São Paulo: Ubu Editora/PISEAGRAMA, 2023. SOMÉ, S. O espírito da Intimidade: ensinamentos ancestrais africanos sobre maneiras de se relacionar. São Paulo: Odysseus, 2007.

VELHO, Gilberto. Observando o familiar. In: NUNES, Edson de Oliveira. A aventura sociológica: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. p. 1 – 13.

Outras Fontes:

A Tribo dos Krippendorf. Filme. Direção: Todd Holland. EUA: 1998.

Escritores da Liberdade. Filme. Direção: Richard LaGravenese. EUA: Paramount, 2007.